

As atividades circenses e suas possibilidades educativas: visões dos alunos do curso de educação física da Universidade Federal do Paraná

Sérgio Roberto Abrahão

Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná

Letícia Cristina Lima Moraes

Mestranda em Educação Física Universidade Federal do Paraná

Marta Capllonch

Professora Titular d'Universitat de Barcelona no Departament de Didàctiques Aplicades de la Facultat d'Educació.

Leonardo do Couto Gomes

Mestre em Educação Física Universidade Federal do Paraná

Marcelo Moraes e Silva

Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná

Cita: Abrahão, Sérgio Roberto; Letícia Cristina Lima Moraes; Marta Capllonch Bujosa; Leonardo do Couto Gomes y Marcelo Moraes e Silva. **As atividades circenses e suas possibilidades educativas: visões dos alunos do curso de educação física da Universidade Federal do Paraná** en Revista *Lúdicamente*, Vol. 9, N°18, Año 2020. Mayo - Octubre 2020, Buenos Aires (ISSN 2250-723x).

Este texto fue recibido 31 de Enero de 2020 y aceptado para su publicación el 20 de Abril de 2020.

RESUMEN: Este artículo tuvo como objetivo investigar el conocimiento de los estudiantes del curso de Educación Física de la Universidad Federal de Paraná sobre las posibilidades educativas de las actividades de circo en las escuelas. Apoyado por la metodología cualitativa, el artículo se basó en cuestionarios aplicados a los estudiantes. La mayoría de los estudiantes no tuvieron contacto sustancial con la práctica de circo en la escuela, lo que demuestra poco conocimiento sobre el tema. Sin embargo, se concluye que existe un panorama atractivo con la formación de estos estudiantes, porque declararon que participarían en las clases de pregrado sobre este conocimiento y aplicarían el aprendizaje en el momento de la práctica profesional.

Palabras clave: Circo. Educación Física. Formación Profesional. Graduacion

ABSTRACT: Abstract: This article aimed to investigate the knowledge of students of the Physical Education course of the Federal University of Paraná about the educational possibilities of circus activities in schools. Supported by the qualitative methodology, the article was based on questionnaires applied to students. Most of the students did not have substantial contact with circus practice at school, demonstrating little knowledge about the theme. However, it is concluded that there is an attractive panorama with the formation of these students, because they stated that they would participate in the undergraduate classes on this knowledge and that they would apply the learning at the moment of professional practice.

Key words: Circus. Physical Education. Professional Qualification. University Graduate.

Introdução

A prática pedagógica da Educação Física nas escolas no Brasil concentra-se, quase exclusivamente no ensino de alguns esportes, jogos, ginástica, dança e recentemente, conforme apontam Miranda e Ayoub (2017), um pouco mais ligado ao ensino das lutas, práticas de aventura e atividades circenses. Bortoleto (2011) indica que essa renovação curricular da Educação Física já vem sendo discutida há um tempo, principalmente em relação à diversificação dos conteúdos. A abordagem do circo, para o autor, faz parte desse desejo de explorar um pouco mais os saberes das artes corporais dentro do espaço universitário.

Tucunduva (2015) salienta, que, dentro da esfera universitária, existem diversas maneiras de contemplar os saberes circenses na pesquisa, extensão e ensino. Porém, dentro dos muros das universidades e nas práticas pedagógicas em escolas isso não está tão presente. Pitarch (2000) coloca que existe um desconhecimento das atividades circenses por parte do professor, assim como ausência de interesse (em alguns casos) ou a falta de visibilidade desse tipo de atividade, em comparação com outros conteúdos da área de Educação Física. Elementos que, na opinião do autor, contribuem para que o circo não seja tão presente no cenário educacional. Abrahão (2011) ainda levanta um outro elemento, visto que em sua opinião existe um baixo interesse dos estudantes dos cursos de graduação para a não utilização das atividades circenses fora dos muros da universidade.

Diante desse panorama amplo o presente artigo levanta a seguinte indagação: Qual a visão dos alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná (UFPR) sobre as possibilidades educativas das atividades circenses na Educação Física escolar? Já o objetivo geral do estudo é: Averiguar o conhecimento e a avaliação que os estudantes de Educação Física da UFPR fazem sobre as possibilidades educativas das atividades circenses. Por fim, os objetivos específicos são: a) identificar o nível de conhecimento e aceitabilidade das atividades circenses, como recurso de ensino, por futuros professores e professoras de Educação Física; b) compreender, a partir da opinião dos estudantes de Educação Física, o valor educativo concebido às atividades circenses vivenciadas nas aulas.

Cabe destacar, que se observou um crescente de estudos ligados às temáticas circenses publicadas em periódicos brasileiros conforme indicam Ontoñon, Duprat e Bortoleto (2012). No entanto, quanto à visão que os acadêmicos têm sobre o tema, verificou-se uma lacuna de pesquisas com tais características, trazendo junto ao presente artigo algumas novas perspectivas acerca dos fenômenos circenses no âmbito educacional brasileiro, fator que pode possibilitar a emergência de novas reflexões.

METODOLOGIA

O presente artigo parte de uma abordagem de pesquisa do tipo qualitativa, pois produz e analisa dados descritivos, valoriza o significado de eventos conferidos por indivíduos em situações cotidianas e particulares, interessando-se mais pelo processo do que apenas pelos resultados. Essa abordagem teve uma importante influência sobre os pesquisadores

no campo da educação, já que a partir desse momento não foi mais possível investigar a prática do professor, sem considerar sua compreensão do mundo e do seu trabalho (Pérez Serrano, 2002).

Dentro do paradigma qualitativo, escolheu-se o estudo de caso como método de pesquisa, porque envolve análise descritiva e detalhada da realidade a ser estudada, contribuindo assim para a sua compreensão. Para Cherobin (2004), o estudo de caso é definido como um fenômeno específico a ser estudado em profundidade. Na pesquisa em questão, pretendeu-se estudar em profundidade a visão dos alunos do curso de Educação Física da Universidade Federal do Paraná relativa às possibilidades educativas das atividades circenses.

Segundo Stake (1999), o estudo de caso apresenta as seguintes vantagens metodológicas: a) é uma proposta concreta, mais viva e sensorial, pois está ligada à nossa própria existência; b) é contextualizada e, portanto, tem implicações nas experiências dos envolvidos; c) é mais desenvolvida, já que o leitor enriquece o caso fornecendo sua compreensão, interpretação e experiência pessoal; d) e pode proporcionar maior envolvimento do leitor. No entanto, conforme indicam Latorre, Arnal, e Rincón (1996), algumas dificuldades ao se valer de abordagens ligadas aos estudos de casos também se fazem presentes, como, por exemplo, a falta de atenção para a validade, tanto interna como externa, opções de design limitados e a dificuldade de generalizar os resultados. Porém, ao analisar as vantagens, dificuldades e características dessa metodologia de pesquisa, definiu-se o estudo de caso como a mais adequada para a construção do presente artigo.

Com o intuito de coletar a visão dos alunos da UFPR - do primeiro ano do curso de Educação Física (licenciatura e bacharelado) - sobre os usos de atividades circenses na escola, valeu-se do questionário como instrumento de coleta de dados. Essa opção baseou-se no fato dos alunos no princípio do curso de graduação ainda não terem tido qualquer atividade na Universidade, o que poderia interferir na imagem que eles apresentariam dos papéis da Educação Física nas escolas. Além disso, esses estudantes trazem consigo experiências e informações recentes sobre a real situação da Educação Física nas escolas, e podem oferecer um retrato panorâmico dessa realidade. Nessa fase da pesquisa, objetivou-se identificar o nível de conhecimento prévio e a aceitabilidade das atividades circenses como recursos didáticos.

Cabe destacar ainda que o questionário, segundo Sampieri (1998:185), é "(...) um procedimento para a exploração de ideias e crenças gerais sobre algum aspecto da realidade". Em um estudo qualitativo, o uso de um instrumento quantitativo é útil para a pesquisa, na medida em que permite obter informações simultâneas de grande número de indivíduos em um curto espaço de tempo. Nesse sentido, e de acordo com Sampieri (1998:186), o questionário é apresentado como uma "(...) forma previamente preparada e estritamente padronizada", na qual as questões são colocadas na mesma ordem e utilizando os mesmos termos técnicos.

O questionário foi caracterizado como um instrumento fechado, com múltiplas opções, composto pelas seguintes partes: dados de identificação, instruções de preenchimento, informações sobre sua intencionalidade, lista de questões e, finalmente, agradecimentos por sua colaboração. Latorre, Arnal e Rincón (1996) afirma que a coleta de dados essenciais à investigação depende das questões selecionadas para o questionário, por isso a importância da fase de elaboração do instrumento.

Esse instrumento foi constituído por 19 questões fechadas, ou seja, aquelas que apresentam categorias e/ou alternativas de respostas fixas e pré-estabelecidas. Utilizou-

se uma escala de valor de cinco categorias em que os discentes tiveram que refletir sobre diferentes aspectos e situações problemáticas, da questão proposta.

A pesquisa foi realizada no primeiro dia letivo, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Aplicou-se o questionário a 106 discentes. Optou-se por aplicar o questionário no primeiro encontro para evitar possíveis influências advindas das próprias aulas no curso de graduação em Educação Física, tentando assim atingir o objetivo da pesquisa com mais eficiência. Os alunos assinaram, individualmente, um termo de consentimento e aprovação, para permitir o uso das informações para a elaboração do artigo e sua publicação. Posteriormente, preencheram o questionário por um período máximo de 20 minutos.

Os dados obtidos pelas perguntas fechadas do questionário foram analisados quantitativamente e as respostas foram codificadas numericamente, conforme proposto por Martinez (2002), resultando em matrizes de dados, que foram processados e analisados utilizando o pacote estatístico SPSS 18.0, a fim de obter frequências, porcentagens e suas possíveis correlações. A seguir se apresenta os resultados das coletas e a discussão realizadas de acordo com o que foi constatado.

Resultados/análises dos resultados

Observa-se que a maioria dos estudantes (82,9%) tem menos de 20 anos, com idade variando entre 16 e 35 anos. Foram realizadas as seguintes questões acerca das idades dos discentes, bem como do perfil de suas escolas (particular ou pública): 1) Qual a idade? 2) Você estudou em escola particular ou pública? No Brasil, pode-se encontrar estudantes de 16 anos que iniciam o ensino universitário. Na maioria dos casos, tais situações ocorrem porque iniciaram o primeiro ano do ensino fundamental com base em uma análise realizada por profissionais da educação que consideraram que a entrada precoce seria útil para a criança (Abrahão, 2011). No entanto, essas são situações bastantes específicas e incomuns.

Em relação à origem escolar dos indivíduos, 45,4% estudou apenas na escola pública, enquanto 26,8% frequentou apenas a escola particular e, 27,8% fez a escolarização básica em ambas. Com base nessas informações, buscou-se verificar se existia diferença na qualidade da formação das escolas públicas em relação aos estabelecimentos particulares, em termos de conhecimento adquirido e das experiências vividas no ambiente educacional ligados às atividades circenses. A escola pública no Brasil apresenta um contexto que, em geral, reflete-se na má qualidade da educação, como já dito anteriormente, inclusive nos dados coletados e analisados pelas instituições do governo federal (Abrahão, 2011). Portanto, interessa conhecer a opinião dos alunos sobre as aulas de Educação Física, seu currículo e as atividades propostas, de acordo com a origem escolar dos discentes.

1. OPINIÃO DO ALUNO SOBRE AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO ESPAÇO ESCOLAR

Com o intuito de investigar como eram as aulas de Educação Física na escola, foram realizadas as seguintes perguntas: 3) Qual a qualidade que você atribuiria para as aulas de Educação Física? 4) O que te motivava a participar das aulas? 5) Como era sua participação nas aulas de Educação Física? O objetivo de incluir esses itens no estudo foi contextualizar a análise de como esse aluno chega à universidade, sua história em relação às experiências que viveu, permitindo compreender suas experiências e expectativas anteriores.

Os dados obtidos sugerem que, na opinião dos alunos, a qualidade das aulas de Educação Física era "boa" em 46,2% dos casos; "Muito bom" em 22,6% e "razoável" em 27,4% dos casos. Os dados apontam favoravelmente para a qualidade das aulas de Educação Física na escola. A porcentagem de opinião que os considera "ruins" e "muito ruins" juntos pontua 3,8% da população estudada. Parece ser natural que os dados apontem que os discentes tenham gostado, afinal, esses alunos acabaram optando por cursar o ensino superior em Educação Física, aspectos que Moraes e Silva (2002) e Abrahão (2011) também menciona, discorrendo que a escolha dos sujeitos de cursar Educação Física comumente está associada à qualidade de suas aulas na escola.

Em relação à motivação para as aulas de Educação Física, as opções apresentadas foram as seguintes: a) diversão; b) ser mais forte e ágil; c) amizades; d) ser um bom jogador; e) agradar meus amigos; f) ganhar atividades; g) ter mais saúde; e, finalmente h) não tinha motivação específica. Uma das possibilidades de resposta sobre a motivação nas atividades nas aulas de Educação Física era "não ter motivação". As respostas indicaram que 91,1% dos entrevistados observaram que "nunca" ou "raramente" se sentiam desmotivados, porém 8,9% afirmaram que não estavam motivados para realizar atividades nas aulas de Educação Física.

Esses dados devem representar um desafio, como professores de Educação Física, para encontrar maneiras de integrar esse corpo discente. Talvez se possa modificar as ações com base em reflexões conjuntas com essa população, enquanto eles serão futuros professores e sua formação será refletida na qualidade do ensino na escola. De maneira geral, a participação dos alunos nas aulas de Educação Física foi considerada por eles como "muito boa" (51,9%), "boa" (39,6%) e "razoável" (8,5%). Esses resultados são esperados principalmente em estudantes que optaram por realizar estudos relacionados ao ensino de Educação Física, elementos que corroboram com os estudos de Moraes e Silva (2002) e Figueiredo (2008), que visualiza um impacto direto das experiências corporais anteriores dos sujeitos na escolha pelo curso de Educação Física, fato que aqui fica transparente, afinal esses mostraram uma predisposição para a realização de tudo que se relaciona às práticas corporais.

2. AS ATIVIDADES REALIZADAS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Refletir sobre as práticas corporais significa buscar superar uma visão que vinculou a Educação Física a uma perspectiva reducionista, ligada exclusivamente a alguns esportes (Coletivo de Autores, 1992; Kunz, 1994; Assis de Oliveira, 2001). Moraes e Silva (2002), Figueiredo (2008) e Abrahão (2011), argumentam que as práticas corporais que foram vividas na escola enquanto aluno, são, geralmente, as práticas que serão reproduzidas na escola quando esse for um profissional. O desenvolvimento da Educação Física envolve a reflexão sobre as ações corporais, especialmente na diversidade de modalidades. Nesse sentido, focalizou-se o olhar sobre a importância de analisar as questões sobre as atividades realizadas nas aulas de Educação Física. O objetivo foi verificar até que ponto eles haviam experimentado atividades circenses em relação a outros conteúdos. Para isso foi feita a seguinte interrogação: 6) Qual a frequência de aulas de Educação Física na escola que você costumava ter relacionada às atividades/jogos com bola?

Os dados coletados indicam que 93,3% dos alunos tiveram como práticas corporais, "sempre" ou "quase sempre", os jogos de bola ligados aos esportes coletivos (Vôlei, Basquete, Handebol e Futebol).

Tabela 1. Conteúdo relacionado aos esportes com bola: sistematizado pelos autores

RESPOSTA	%
Sempre	47,6%
Quase sempre	45,7%
Algumas vezes	1,9%
Poucas vezes	3,8%
Nunca	1%

Segundo Rosário e Darido (2005), os professores de Educação Física, em geral, restringem seu trabalho aos esportes e que são transmitidos superficialmente e distribuídos sem qualquer sistematização. Segundo os autores, na maioria dos casos, os docentes organizam o conteúdo por períodos de dois meses, com um esporte coletivo como conteúdo principal, e outros temas organizados em paralelo, como jogos e outros esportes. O que se observa nas práticas escolares é que não existem mudanças ao longo do ano letivo. Destaca-se que não se opõem aos esportes coletivos com a bola, mas se acredita que sua exclusividade nas aulas de Educação Física limita e reduz uma área de conhecimento rica, desperdiçando a oportunidade de ofertar aos alunos um leque mais amplo de práticas corporais.

Em relação às atividades circenses (equilíbrio, atividades aéreas, acrobacias, malabarismo e ator de circo), perguntou-se aos discentes o seguinte: 7) Com qual frequência você costumava vivenciar as atividades circenses? Notou-se que esse conteúdo foi bem pouco desenvolvido nas aulas de Educação Física, pois 87,7% dos alunos indicaram que "raramente" ou "nunca" tiveram a oportunidade de vivenciar essa atividade no espaço da escola e das aulas de Educação Física. Os dados obtidos sugerem a necessidade de mudanças, um grande esforço conjunto, principalmente dos cursos de formação de professores, para minimizar essa discrepância, contemplando diferentes modalidades de ensino da Educação Física, enriquecendo, com isso, o repertório do trabalho com atividades mais diversificadas.

Tabela 2. As atividades circenses na escola: sistematizado pelos autores

RESPOSTAS	%
Sempre	1,9%
Quase sempre	0,9%
Algumas vezes	9,4%
Poucas vezes	37,7%
Nunca	50%

Nessa mesma linha argumentativa, pode-se citar o estudo de Rosário e Darido (2005), que alerta para o fato de que os professores, sem domínio técnico da atividade, encontram sérias dificuldades para desenvolver tais atividades no espaço escolar. Aqui é possível afirmar que a ausência desses conteúdos no processo de formação de professores, aliada à resistência dos alunos a novas práticas, sejam as principais causas da não inclusão das atividades circenses nas aulas de Educação Física na escola.

Para explorar as práticas corporais que os alunos tiveram a oportunidade de realizar nas aulas de Educação Física, a questão de número oito foi elaborada: Quais práticas corporais você realizava nas aulas de Educação Física? De um total de 16 modalidades propostas aos sujeitos pesquisados, além de uma opção aberta, seis delas parecem estar

vinculadas às práticas ligadas aos esportes coletivos com bola. Todos os entrevistados responderam que receberam aulas de vôlei, seguidas de basquete, futsal e handebol (94, 93 e 92%, respectivamente); 70% também tiveram a oportunidade de praticar atletismo nas aulas de Educação Física.

Tabela 3. Oportunidade de realizar outras práticas corporais: sistematizado pelos autores

RESPOSTAS	%
Voleibol	100%
Basquete	94%
Futsal	93%
Handebol	92%
Atletismo	70%
Dança	42%
Natação	21%
Lutas	19%
Capoeira	13%
Ginástica artística	10%
Expressão corporal	10%
Tênis	7%
Beisebol	7%
Atividades circenses	5%
Badminton	1%
Patinação	0

Esses resultados reafirmam a resposta anterior sobre as atividades realizadas com a bola. Um grupo menor (42%) teve a oportunidade de praticar dança, 21% dos depoentes nadaram e 19% tiveram a oportunidade de vivenciar a prática de lutas. Com menos de 15%, encontrou-se os seguintes conteúdos: capoeira (13%); expressão corporal e ginástica artística (10%); 7% praticaram beisebol e tênis; 5% tiveram acesso às atividades circenses; 1% no badminton.

Esses resultados corroboram com o que Silva e Bracht (2012) apontam sobre as aulas e práticas pedagógicas dos professores de Educação Física. Para os autores, existe a tendência de três tipos de práticas dentro do contexto escolar. A primeira tipologia é ligada às atividades esportivas (voleibol, basquetebol, handebol, futebol, futsal). O segundo grupo corresponde ao que chamam de “professor rola-bola”, uma ação de desinvestimento pedagógico. E por último, e menos comum, são as práticas chamadas por Silva e Bracht (2012) de inovadoras, que trazem em seu cerne uma ampliação do repertório motor e cultural das práticas corporais, porém nem sempre seguem uma progressão. Portanto, é evidente que esses tipos de experiências resultam em uma formação quase homogênea, com direcionamentos ligados aos esportes e dependente de uma motivação do aluno para a realização de outras atividades, quando esse não possui mediação docente adequada, enquanto as porcentagens menores vão ao encontro das aulas que proporcionam experiências mais amplas.

A vivência de atividades circenses, conseqüentemente, fica prejudicada, dado o panorama visualizado. A seguir, apresenta-se as respostas dos alunos em relação à seguinte pergunta: 9) Quais oportunidades você já teve de realizar atividades circenses em outros espaços além da escola?

3. VIVÊNCIAS DAS ATIVIDADES CIRCENSES

Foram analisados os resultados coletados sobre a oportunidade que os discentes tiveram de vivenciar algumas das atividades circenses (roupas acrobáticas, malabarismo, Acroport, ator de circo, etc.) fora da escola. Tanto os que consideraram que "nunca" praticaram como os que entendem que "raramente" tiveram contato (64,2% e 16% dos depoentes, respectivamente), reúnem mais de 80% dos envolvidos nesta análise. Os discentes que tiveram a oportunidade de realizar "sempre e quase sempre" essas atividades foram poucos, menos de 4% de todos os entrevistados e 15,1% dos sujeitos tiveram a oportunidade de praticar atividades circenses fora da escola.

Os resultados obtidos mostram que praticamente não existe um conhecimento dessa prática corporal por parte dos alunos que ingressam no curso de Educação Física. Para mudar esse cenário, uma alternativa viável seria a utilização desses conteúdos nas atividades escolares, pois propor atividades circenses como parte integrante da Educação Física escolar é, segundo Gonçalves e Lavoura (2011), compreendê-las como manifestação que pode ser sistematizada, ensinada e aprendida, colocando seu papel na questão formativa dos alunos.

Alguns dos fatores alegados para a não inclusão das atividades circenses no ambiente escolar tem relação com a utilização de materiais específicos, algo que pode ser sanado com a confecção de materiais alternativos (Takamori *et al.*, 2010). Nesse sentido, foi formulada a pergunta de número 10: É possível realizar atividades circenses com materiais adaptados? Em relação ao uso de material alternativo para a prática de atividades circenses na escola, os resultados superam 90% dos depoentes, que acreditam que é possível trabalhar as atividades circenses nas aulas de Educação Física utilizando material alternativo. Menos de 10% dos alunos acreditam que "raramente" ou "nunca" esse uso é possível. Dada a realidade brasileira de baixos investimentos em educação, principalmente em escolas públicas (Moraes e Silva, 2002; Abrahão, 2011), esses dados revelaram a possibilidade de trabalhar com atividades circenses, embora não exista material específico disponível, na opinião dos alunos.

Em relação à visão do aluno acerca da ausência de infraestrutura, perguntou-se: 11) Em sua opinião, a sua escola possuía infraestrutura para a realização de atividades circenses? No tocante à pergunta, os resultados informam que, na perspectiva de 32,4% dos alunos, a escola possui infraestrutura para que as atividades circenses possam ser realizadas "sempre" ou "quase sempre". 53,4% deles acreditam que "às vezes" ou "raramente" e, para cerca de 14,3% dos entrevistados, a escola não possui estrutura física. Percebe-se que as opiniões são distribuídas de maneira muito equilibrada em opções menos extremas. Entre o "quase sempre", o "às vezes" e o "poucas vezes", o percentual gira em torno de 20%.

Nesse sentido, nota-se que existe uma tendência maior a acreditar que a escola não possui estrutura física adequada para atividade, segundo as visões dos entrevistados, uma vez que 24,8% indicaram "raramente", contra 21,9% "quase sempre". Além disso, aqueles que escolheram "sempre" representaram 10,5%, contra 14,3% dos sujeitos que indicaram "nunca". As respostas indicam que as experiências dos alunos foram diferentes, não tendo tendências consolidadas em relação à infraestrutura da escola. Acredita-se que isso se deve ao fato de os novos alunos terem processos de escolarização bastante diferentes, cada um com suas características específicas. No entanto, existe uma leve propensão a

considerar, de acordo com os dados, que, na opinião da maioria dos novos discentes, a infraestrutura da escola não é adequada para a prática de atividades circenses.

Com relação aos recursos materiais necessários para a prática de atividades circenses na escola, levantou-se um outro questionamento: 12) Você considera que sua escola possuía materiais necessários para a prática de dinâmicas ligadas ao circo? Os dados apontam que mais de 50% dos entrevistados consideram que a escola “raramente” ou mesmo “nunca” apresentava recursos necessários para a realização de atividades circenses. Por outro lado, quem registrou “quase sempre” ou “sempre” representa menos de 20%.

Um fato que chamou atenção foi que, os únicos seis depoentes que responderam que “sempre” têm recursos materiais necessários, estudaram em escolas particulares e, inversamente, “nunca”, aqueles que frequentaram estabelecimentos públicos. Cabe destacar que não se considera apenas o fato de a escola ser particular ou pública como limitante às experiências circenses, diversos outros fatores podem se fazer presentes. Os estudos de Schiavon e Piccolo (2006), apontam, por exemplo, que a ginástica não é trabalhada na escola, não apenas pela falta de instalações e materiais adequados, mas também pela falta de conhecimento e habilidade dos professores. A falta de informação e familiaridade com o contexto parece ser a principal razão pela qual o conteúdo referente às atividades circenses não é trabalhado durante as aulas de Educação Física.

Com o intuito de conhecer a opinião de futuros professores sobre a inclusão ou não de atividades circenses na programação das aulas de Educação Física, perguntou-se: 13) Você sabe se as atividades circenses fazem parte da programação escolar obrigatória do Paraná? Em 87 questionários dos 106 possíveis, 82% dos discentes consideraram que o ensino de atividades circenses não faz parte da programação das aulas de Educação Física nas escolas.

O currículo que governou a educação básica no período em que os entrevistados estavam na escola foi o criado em 1990, o Currículo Básico da Escola Pública do Paraná (Paraná, 1990; Navarro, 2007; Moraes e Silva e Navarro, 2008; Moraes e Silva, 2010), que representou um ponto de partida para a elaboração das atuais Diretrizes Curriculares, oficializadas em 2008. Quanto ao conteúdo da Educação Física, de acordo com Navarro (2007), Moraes e Silva e Navarro (2008) e Moraes e Silva (2010), o Currículo Básico, que propunha jogos, ginástica, esportes e dança como eixos temáticos daquilo que se convencionou chamar de Cultura Corporal. Conceito fundamental para o ensino da Educação Física, conforme sugerido pelo Coletivo de Autores (1992:61-62): “A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela será configurada com temas ou formas de atividade, particularmente corporais, como as nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outras, que constituiriam seu conteúdo”.

Navarro (2007), Moraes e Silva e Navarro (2008) e Moraes e Silva (2010), lembram ainda que, o Currículo Básico estabeleceu parâmetros gerais que, ao mesmo tempo, permitiram que as escolas e professores tivessem liberdade na elaboração de planos de aula, escolha de modalidades e sua aplicação, bem como, por outro lado, possibilitou uma prática restrita e limitada por parte dos professores. Questão que pode ser visualizada na seguinte passagem de Navarro (2007:100):

(...) na Educação Física escolar se expressa o treinamento dos corpos, principalmente na tradição de ensino de conteúdos clássicos: jogos, esportes, ginástica, para citar os mais trabalhados; atividades de dança, capoeira e circo entre as muitas práticas corporais que

muitas vezes permanecem restritas aos planos de aula e não são realizadas na prática pedagógica.

Contudo, Moraes e Silva (2010), indica que um novo currículo foi produzido em 2008, as denominadas “Diretrizes Curriculares da Educação Básica”, da Secretaria de Estado da Educação. Na esfera da Educação Física o documento determina que o currículo oficial deve levar os alunos a:

- conhecer os aspectos históricos das práticas corporais circenses;
- investigar e aprofundar conhecimentos sobre a cultura circense;
- reconhecer as possibilidades de experiência em diversão de atividades circenses, como acrobacias e saltos em grupo (Paraná, 2008:s.p.).

Nesse contexto, entende-se que os alunos participaram de aulas baseadas em um currículo que estava em transição e que ainda não tornou explícita a obrigação e a necessidade de trabalhar atividades circenses. Na tentativa de compreender a visão do aluno do porquê as atividades circenses eram pouco trabalhadas na escola, formulou-se a seguinte questão: 14) Quais motivos você acredita influenciarem a ausência das atividades circenses em suas aulas? Elementos que ficam evidenciados na tabela 4:

Tabela 4. Possíveis razões que justificam a ausência de atividades circenses na escola: sistematizado pelos autores

RESPOSTAS	%
Falta de confiança	15,5%
Outros motivos	17,2%
Perigo	20,6%
Dificuldade excessiva	21,8%
Não está no currículo	26,4%
Professor não qualificado	34,4%
Falta de material	55,1%
Falta de tradição	65,5%

Os dados evidenciam que 65,5% das respostas foram pela "falta de tradição" da prática; seguido da "falta de disponibilidade do material necessário", apontada por 55,1%, contra 34,4% que indicaram que "o professor não tem preparação suficiente". Também foram apontados outros motivos para que as atividades circenses não fossem levadas em consideração na programação das aulas de Educação Física. Entre os depoentes, 21,8% sinalizaram para a "dificuldade técnica excessiva" envolvendo suas práticas, e 20,6% indicaram "o perigo oferecido por elas. A "falta de confiança nos alunos" foi lembrada por 15% dos entrevistados e "outros motivos" representaram 17,2%.

Os dados evidenciam que a grande maioria dos depoentes não tiveram a oportunidade de praticar ou aprender sobre atividades circenses, seja no ambiente escolar e/ou em outro espaço educacional não formal. Em relação às práticas de Educação Física escolar, os alunos percebem como os principais motivos para a ausência de atividades corporais circenses, a falta de tradição e formação de professores, bem como a falta de disponibilidade de material, embora tenham manifestado, em sua maior parte, que acreditam que as atividades circenses podem ser realizadas com materiais alternativos. A

seguir, abordaremos o ponto de vista dos alunos acerca da necessidade/aceitabilidade dos usos das atividades circenses em suas formações.

4. ACEITABILIDADE DAS ATIVIDADES CIRCENSES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Diante da questão que envolveu a variável “expectativa de formação”, levantou-se a seguinte questão: 15) Você acredita ser necessária a inclusão de atividades circenses na formação inicial em Educação Física? Os entrevistados, em sua maioria, não demonstraram posicionamento extremos em relação a ser ou não necessária a inclusão dessas práticas, sendo que 50,9% preferiram considerá-las “às vezes” necessárias como conteúdo.

Tabela 5. Expectativas na formação: necessidade de incluir atividades circenses na Educação Física escolar: sistematizado pelos autores

RESPOSTAS	%
Sempre	17%
Quase sempre	17,9%
Algumas vezes	50,9%
Poucas vezes	7,5%
Nunca	6,6%

Os resultados dessa pergunta possibilitam realizar uma reflexão sobre o conhecimento das atividades circenses por parte dos discentes. Em muitos momentos parece que os alunos podem não ter clareza sobre o assunto para considerar se é necessário ou não incluí-la como conteúdo e, dessa forma, às vezes o apontam como uma opção, o que não afirma uma posição efetiva sobre essa inserção de conteúdo.

A questão posterior teve o seguinte enunciado: 16) vocês consideram as atividades circenses como um recurso de ensino na universidade? Apenas 1,9% demonstraram desconhecimento da oferta dessa modalidade no ensino universitário. Aqueles que registraram “raramente” ou “às vezes” foram responsáveis por 70,7% dos depoentes, já os que responderam “quase sempre” e “sempre” totalizaram 26,4%. Observa-se então que pouco mais de um quarto do público investigado acredita que as atividades circenses são frequentemente oferecidas na formação do professor de Educação Física.

Tabela 6. Percepção de atividades circenses como recurso pedagógico na formação de professores: sistematizado pelos autores

RESPOSTAS	%
Sempre	10,5
Quase sempre	16,2%
As vezes	44,8%
Poucas vezes	26,7%
Nunca	1,9%

Sobre se as atividades circenses devem fazer parte do conteúdo da formação profissional em Educação Física, foi perguntando: 17) Você acredita que as práticas circenses devem fazer parte do conteúdo de formação do professor de Educação Física? Mais de 95% dos entrevistados responderam que sim. Menos de 5% disseram que não deveria fazer parte.

Isso parece indicar que os depoentes têm receptividade em relação a esse conhecimento das práticas corporais e que são capazes de reconhecê-los como parte integrante necessária de sua formação profissional.

Tabela 7. Percepção sobre se as atividades circenses devem fazer parte do conteúdo de formação: sistematizado pelos autores

RESPOSTAS	%
Sempre	24,3
Quase sempre	22,3
As vezes	39,8
Poucas vezes	8,7
Nunca	4,9

A atividade circense ainda é um assunto muito discutido pelas pessoas que trabalham e/ou tentam trabalhar com esse conteúdo (Abrahão, 2011; Infantino, 2013; Tucunduva, 2105), porém, artistas de circo e educadores de circo ainda não sabem definir o papel um do outro adequadamente. As atividades circenses funcionam pouco nas escolas, porém as pesquisas realizadas têm crescido exponencialmente (Ontañón, Duprat, Bortoleto, 2012), ainda que pouco estruturadas pedagogicamente pelos atores circenses (Abrahão, 2011; Infantino, 2013).

A próxima questão versou sobre a formação profissional: 18) Você entende que para ensinar as atividades ligadas ao circo é necessária a formação em Educação Física? Houve um equilíbrio nas respostas, conforme evidenciado na tabela abaixo:

Tabela 8. Necessidade de ser profissional de Educação Física para ensinar atividades circenses: sistematizado pelos autores

RESPOSTA	%
Sempre	12,4%
Quase sempre	21,9%
As vezes	21,9%
Poucas vezes	20%
Nunca	23,8%

A próxima pergunta foi a seguinte: 19) Você participaria das aulas de circo durante sua graduação considerando que essa não é obrigatória no currículo? Tal questão foi feita em uma tentativa de verificar a aceitabilidade dos alunos em participar de dinâmicas circenses durante sua graduação em Educação Física. Ao considerar as respostas dos estudantes evidencia que 53,3% participariam "sempre" ou "quase sempre", de aulas de circo na universidade, fazendo uma escolha livre, ou seja, considerando que a matéria não era fosse obrigatória.

Tabela 9. Participação de alunos de aulas de circo na universidade, se não for obrigatória: sistematizado pelos autores

RESPOSTAS	%
Sempre	29,5%
Quase sempre	23,8%
As vezes	26,7%

Poucas vezes	11,4%
Nunca	8,6%

A próxima pergunta verifica a aplicabilidade das atividades circenses por parte dos alunos em suas aulas futuras: 19) Você aplicaria atividades circenses durante suas aulas? Observa-se que a maioria das respostas revelou que os discentes as aplicariam, pois aproximadamente 93,3% dos entrevistados, se acumular os percentuais de "sempre", "quase sempre", "às vezes" e "algumas vezes". No entanto, não se deve esquecer que 53,3% dos futuros professores os aplicariam apenas "às vezes" ou "poucas vezes". Isso parece significar que a maioria dos estudantes aceita as atividades circenses como recurso de ensino de Educação Física, mas podem ser necessárias ações no campo universitário para que esse conteúdo se constitua em uma ferramenta de trabalho mais consolidada para o futuro professor da Educação Física.

Tabela 10. Em que medida os alunos ingressos no curso de Educação Física aplicaria atividades circenses em suas futuras aulas: sistematizado pelos autores

RESPOSTAS	%
SEMPRE	20%
QUASE SEMPRE	20%
AS VEZES	39%
POUCAS VEZES	14,3%
NUNCA	6,7%

Mendes (2005) menciona que a formação de professores de Educação Física é marcada principalmente pela predominância de disciplinas biomédicas e esportivas. O autor acrescenta ainda, que o currículo de Educação Física é essencialmente construído com conteúdo esportivo ou vinculado a ele, com uma marca altamente competitiva e com uma grande preocupação em tentar tornar a área um "padrão" de talento para o esporte em nível nacional, em detrimento da democratização da Educação Física. Tal fato parece ser mais um dos motivos para uma "baixa" aplicabilidade do conteúdo do circo.

Entende-se que a inclusão de outros conteúdos pode ser uma estratégia para contribuir com a qualidade das aulas de Educação Física, talvez incluindo mais alunos, para que eles tenham maior oportunidade de atuação e escolha, até introduzindo outras práticas corporais, para atender aos diferentes gostos e necessidades e obter uma melhor participação. A consideração da diversificação como um aspecto para melhorar a qualidade das aulas deve estar relacionada ao que se apontou anteriormente, que 93,3% dos estudantes pesquisados tinham como práticas corporais, "sempre" ou "quase sempre", apenas os jogos com a bola. A riqueza da diversidade pode ampliar o cenário nas escolas trazendo uma formação corporal pluralizada ao estudante que, talvez ao ingressar nos cursos de Educação Física, tenha uma compreensão mais ampla acerca das diversas possibilidades a ser trabalhada na escola.

Considerações finais

O presente artigo considerou principalmente o ponto de vista de jovens estudantes, futuros professores de Educação Física, sobre a importância das atividades circenses na escola. No entanto, deve-se salientar um dos limites do estudo que foi abordar as

atividades circenses com indivíduos que não conheciam o assunto. Como valorizar algo que não é conhecido? Acredita-se que a distância e o desconhecimento dos alunos em relação a essas atividades podem ter restringido as possibilidades de reflexão sobre seu papel nas aulas de Educação Física.

Contatou-se um baixo nível de conhecimento das atividades circenses por parte dos futuros professores de Educação Física, que vivenciaram, em sua maioria, aulas nas escolas, enquanto estudantes, sem receber a oportunidade de se aproximarem dessa prática corporal. As aulas de Educação Física foram caracterizadas principalmente pela apresentação e aprendizado de esportes com bola, como futebol, vôlei, handebol, basquete, entre outras atividades. Essa exclusividade reduz o conhecimento da diversidade de outras práticas corporais. Vale ressaltar que, embora o contexto da Educação Física escolar tenha sido apresentado dessa maneira, eles consideravam suas aulas de boa qualidade. Acredita-se que esses dados revelam o referencial de onde eles expressaram sua opinião, ou seja, experiências de infância e adolescência, que os motivou a participar de aulas de Educação Física principalmente por diversão, saúde e o fato de procurarem serem bons jogadores.

Em seu processo de formação na universidade, algumas maneiras de abordar suas aulas na escola podem mudar, interessou-se, porém, apenas em conhecer, nessa fase, a realidade vivida nas escolas e suas reflexões sobre os jovens estudantes recém-matriculados na universidade. Outra informação relevante que se deve comentar é que os estudantes universitários não sabem que as atividades circenses fazem parte do currículo oficial e que têm o direito de conhecê-las nas aulas, além de que o professor tem o dever de trabalhá-las com os alunos da escola. O fato de ignorarem o direito deles os impede de exigí-los. Além disso, embora não conste no currículo oficial, a atividade circense faz parte da cultura corporal construída historicamente, conforme salienta o Coletivo de Autores (1992), e o professor desse campo de conhecimento, comprometido com a qualidade de sua atuação, pode transmitir esse e demais conteúdos nas escolas.

Sendo assim, considera-se interessante que as práticas circenses sejam explorados como elemento de ensino das aulas de Educação Física, pois trata-se de um patrimônio cultural que apresenta, conforme indicam Takamori et. al. (2010) e Infantino (2013), importantes referências culturais de preservação da identidade de um povo e que resistem aos movimentos mais universalizantes e globalizantes. Assim, a inserção das atividades circenses na escola, segundo aponta Bortoleto e Machado (2003), oportuniza a desmistificação de alguns equívocos como o de que é uma prática pouco séria, enganosa, desorganizada, realizada por indivíduos que não merecem respeito.

Embora haja pouco conhecimento das atividades circenses, os estudantes universitários revelaram sua aceitabilidade como recurso de ensino. Isso pode ser verificado quando, na maioria das vezes, eles reconheceram a necessidade de atividades circenses na formação profissional. O fato de considerá-las relevantes demonstra que, pelo menos e no pior dos casos, há alguma curiosidade em conhecer essas atividades. O reconhecimento de sua importância no desenvolvimento dos alunos da escola talvez venha em uma análise posterior, quando já estiverem mais envolvidos com sua profissionalização, ou seja, ao longo de sua formação. Outro aspecto que comprova essa aceitabilidade é que muitos deles participariam por livre escolha de aulas de atividades circenses na universidade. Se, dada a possibilidade de escolha, optam por conhecer essa prática, recebem-na como recurso de ensino de Educação Física e como parte de seu treinamento. Finalmente, a grande maioria dos estudantes disse que aplicaria as atividades circenses em suas aulas

nas escolas no futuro e, nesse sentido, há uma projeção para o futuro profissional, incluindo o universo circense.

Por fim, entende-se que a presente pesquisa pode se tornar base metodológica para que novos estudos nas mais distintas instituições e enfoques temáticos venham a ser problematizados, trazendo à tona diversas peculiaridades do campo do ensino da Educação Física e seus conteúdos. Cabe destacar que outros instrumentos, como entrevistas e grupos de estudos, tem a chance de se tornarem importantes fontes de materiais, aspectos que não foram utilizados no presente texto, mas que podem vir a ser utilizados em estudos futuros.

Referências

- ABRAHÃO, S. R. (2011). Valoración de las actividades circenses en la formación de profesorado de Educación Física: una propuesta para la transformación social en la escuela. Tesis doctoral, Universidad de Barcelona, Barcelona.
- ASSIS DE OLIVEIRA, S. (2001). Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica. Campinas: Autores Associados.
- BORTOLETO, M. A.; MACHADO, G. De A. (2003). Reflexões sobre o circo e a Educação Física. *Corpo-consciência*, n. 12.
- BORTOLETO, M. A. C. (2011) “Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética”. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 2, n. 2.
- CHEROBIN, M. (2004). La Escuela, un espacio para aprender a ser feliz. Ecología de las relaciones para la construcción del clima escolar. Tesis doctoral, Universidad de Barcelona, Barcelona.
- COLETIVOS DE AUTORES. (1992). Metodologia do ensino da Educação Física. São Paulo: Cortez.
- FIGUEIREDO, Z. C. (2008). “Campos. Experiências sociocorporais e formação docente em Educação Física”. *Movimento*, v. 14, n. 1.
- GONÇALVES, L. L.; Lavoura, T. N. (2012). “O circo como conteúdo da Cultura Corporal na Educação Física escolar: possibilidades de prática pedagógica na perspectiva histórico-crítica”. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 19, n. 4.
- INFANTINO, J. L. (2013). El circo de Buenos Aires y sus prácticas: definiciones en disputa. *Ilha Revista de Antropología*, v. 15, n. 1, 2.
- KUNZ, E. (1994). Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: Unijuí
- LATORRE, A.; RINCÓN, D.; ARNAL, J. (1996). Bases metodológicas de la investigación educativa.
- MARTÍNEZ, F. (2002). El cuestionario: un instrumento para la investigación en las ciencias sociales. Barcelona: Laertes, S. A. de Ediciones.
- MENDES, C. (2005). “O campo do currículo e a produção curricular na Educação Física nos anos 90”. *Arquivos em Movimento*, v.1, n.2.
- MIRANDA, R. C. F.; AYOUB, E. (2017). “Por entre as brechas dos muros da universidade: O circo como componente curricular na formação inicial em Educação Física”. *Revista Portuguesa de Educação*, v. 30, n. 2.
- MORAES E SILVA, M. (2002). O imaginário social dos acadêmicos de educação física da Universidade Federal de Juiz de Fora. *Journal of Physical Education*, v.13, n.1.
- MORAES E SILVA, M.; NAVARRO, R. T. (2008). “A quimera da Educação Física: os currículos paranaenses do início da década de 90”. *Conexões*, v. 6, n. 3.



- MORAES E SILVA, M. (2010). "Entre o discurso crítico e pós-crítico: a educação física nos currículos paranaenses do início do século XXI". *Pensar a Prática*, v. 13, n. 1.
- NAVARRO, R. (2007). Os caminhos da Educação física no Paraná: do currículo básico às diretrizes curriculares. Tesis de maestria. Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- ONTAÑÓN, T.; DUPRAT, R.; BORTOLETO, M. A. (2012). Educação física e atividades circenses: "o estado da arte". *Movimento*, v. 18, n. 2.
- Pérez Serrano, PARANÁ. (1990). Currículo Básico para a escola pública do Paraná. Curitiba: SEED, 1990.
- PARANÁ. (2008). Diretrizes Curriculares de Educação Física para os anos finais do Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Curitiba, Paraná: SEED.
- G. (2002). Investigación Cualitativa. Retos e interrogantes I. Madrid: La Muralha.
- PITARCH, R. (2000). "Los juegos malabares: justificación educativa y aplicación didáctica en la ESO". *Apunts - Educación Física y Deportes*, n. 61.
- ROSÁRIO, L.; DARIDO, S. (2005). "A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes". *Motriz*, v.11. n. 3.
- SAMPIERE, R. (1998). Metodología de la Investigación. México: McGraw Hill.
- SCHIAVON, L.; PICCOLO, V. (2006). Desafios da ginástica na escola. In E. Moreira (Ed.), Educação física escolar: propostas e desafios II. Jundiaí: Fontoura.
- SILVA, M. S.; BRACHT, V. (2012). "Na pista de práticas e professores inovadores na Educação Física escolar". *Kinesis*, v. 30, n. 1.
- STAKE, R. (1999). Investigación con estudio de casos. Madrid: Morata.
- TAKAMORI, F. S. et. al. (2010). "Abrindo as portas para as atividades circenses na Educação Física escolar: um relato de experiência". *Pensar a Prática*, v. 13, n. 1.
- TUCUNDUVA, B. B. P. (2015). O circo na formação inicial em Educação Física: Inovações docentes, potencialidades circenses. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas: Campinas.